

PODE O TRADUTOR FALAR? UMA ANÁLISE DA TRADUÇÃO DA AUTOBIOGRAFIA DE JUAN FRANCISCO MANZANO NO BRASIL SOB A ÓTICA DOS ESTUDOS CULTURAIS

Lilium Ramos¹

RESUMO: Este artigo tem como objetivo analisar a *Autobiografia do poeta-escravo Juan Francisco Manzano*, única obra latino-americana conhecida escrita por um homem negro ainda em situação de escravidão em Cuba. Com tradução publicada no Brasil em 2015 pelo escritor, pesquisador e tradutor Alex Castro, propõe-se uma discussão do texto traduzido sob a ótica dos Estudos Culturais. Os teóricos dos Estudos Culturais utilizados no ensaio – Gayatri Spivak, Stuart Hall e Boaventura Sousa Santos – sustentam que o sujeito pós-colonial é alguém que se posiciona entre duas culturas e que constantemente desenvolve estratégias de tradução cultural entre diferentes povos. As pesquisadoras dos Estudos da Tradução Susan Bassnet e Rosemary Arrojo inserem os textos traduzidos em uma perspectiva intercultural, na qual o tradutor não pode eximir-se tampouco invisibilizar-se. A reflexão abordará a presença do tradutor no processo de tradução intercultural de um texto escrito no século XIX de acordo com a proposta de Castro que realizou uma Tradução (adaptação ao português contemporâneo) e uma Transcrição (criação de um Manzano lusófono fictício, cujo texto mantém os desvios de gramática e as estruturas sintáticas presentes na versão de 1835), além de 342 notas explicativas relacionadas ao contexto escravocrata da época e à escrita dialética de Manzano. Discutiremos o papel do tradutor que transcodifica textos incluídos em uma perspectiva pós-colonial e sua mediação na tradução linguística e cultural.

PALAVRAS-CHAVE: Estudos da Tradução. Estudos Culturais. Escravidão na América Latina. Autobiografia de Juan Francisco Manzano. Alex Castro.

RESUMEN: Este texto tiene como objetivo analizar la *Autobiografía do poeta-escravo Juan Francisco Manzano*, única obra latinoamericana conocida escrita por un hombre negro todavía en situación de esclavizado en Cuba. Con traducción publicada en Brasil en 2015 por el escritor, investigador y traductor Alex Castro, se propone una discusión del texto traducido bajo la óptica de los Estudios Culturales. Los teóricos de los Estudios Culturales utilizados en el ensayo – Gayatri Spivak, Stuart Hall y Boaventura Sousa Santos – sostienen que el sujeto postcolonial es alguien que se ubica entre dos culturas y que constantemente desarrolla estrategias de traducción cultural entre diferentes pueblos. Las investigadoras de los Estudios de Traducción Susan Bassnet y Rosemary Arrojo insertan los textos traducidos en una perspectiva intercultural, en la cual el tradutor no puede eximirse tampoco invisibilizarse. La reflexión abordará la presencia del tradutor en el proceso de traducción intercultural de un texto escrito

¹ Professora de Língua Espanhola, Literatura Hispano-americana e Tradução Português/Espanhol no Instituto de Letras/UFRGS; graduada em Letras - Bacharelado Português/Espanhol (UFRGS); Mestre e Doutora em Letras (UFRGS); coordenadora do projeto Tradução e Legendagem na UFRGS vigência 2014-2016; desde 2012 coordena o projeto Vozes negras no romance hispano-americano. Contato: lilium.amos@ufrgs.br

en el siglo XIX de acuerdo con la propuesta de Castro que realizó una Traducción (adaptación al portugués contemporáneo) y una Transcripción (creación de un Manzano lusófono ficticio, cuyo texto mantiene los desvíos de gramática y las estructuras sintácticas presentes en la versión de 1835), además de 342 notas explicativas relacionadas al contexto esclavista de la época y a la escritura dialéctica de Manzano. Discutiremos el papel de traductor que transcodifica textos incluidos en una perspectiva postcolonial y su mediación en la traducción lingüística y cultural.

Palabras-clave: Estudios de Traducción. Estudios Culturales. Esclavitud en América Latina. Autobiografía de Juan Francisco Manzano. Alex Castro.

Preliminares

A tradução é um processo intercultural cujo resultado permite analisar o modo como uma determinada sociedade recebe uma obra, um(a) autor(a), uma literatura, uma cultura diferente da sua. As diversas reflexões sobre a tradução (e suas práticas, abordagens teóricas, recepção) que tiveram como consequência a constituição dos Estudos da Tradução como uma disciplina independente têm se consolidado para pensar a tradução além da transposição semiótica com foco nos processos linguísticos. O ato de traduzir envolve um conjunto complexo de critérios extralinguísticos que se aprofundam em uma dimensão cultural muito mais abrangente: o tradutor assume um papel que ultrapassa o de mediador linguístico, constituindo-se também em mediador cultural entre textos e culturas distintas.

Tomando de empréstimo o título do ensaio *Can the subaltern speak?* (1988)², da intelectual indiana Gayatri Spivak, no qual a especialista em crítica literária questiona a real abertura de espaço para as vozes dos indivíduos cujas culturas e representações são consideradas subalternas e que convivem com a opressão e o silenciamento em contextos patriarcais e pós-coloniais, a presente reflexão pretende questionar o quanto a participação do tradutor nas obras incluídas na perspectiva pós-colonial será determinante na (re)produção de um texto que precisa transpor à cultura de chegada muito mais do que aquilo que está registrado graficamente no papel. Neste caso específico, proporemos uma discussão sobre a obra traduzida *A autobiografia do poeta-escravo Juan Francisco Manzano*, com organização, tradução e notas de Alex Castro, escritor e pesquisador atento ao tratamento dado aos menos privilegiados (sócio e economicamente) como mulheres, negros e homossexuais e questionador das situações de exclusão, como pode ser conferido em sua página www.alexcastro.com.br. Os

² Utilizaremos como referência a tradução brasileira de 2010.

processos tradutórios realizados por Castro passaram por etapas como compreender integralmente um texto manuscrito por um escravizado alfabetizado informalmente, inserido em seu contexto de escritura no século XIX; também, foi necessário transpor à língua portuguesa toda a significação que um texto como esse pode apresentar ao leitor, primeiro em uma escritura arcaica e, após, em uma linguagem contemporânea. Utilizaremos as reflexões de Arrojo (2007) sobre o Texto de Chegada (TC) ser uma representação do Texto de Partida (TP), e o quanto o ato interpretativo do tradutor é relevante nesse processo.

O protagonismo do negro na literatura começou a ser retratado desde a época colonial, manifestando-se, principalmente, nos círculos intelectuais de Cuba. A literatura cubana de temática escravagista desenvolvida no século XIX era, em grande parte, publicada a partir de encomendas vindas da Europa realizadas por intelectuais como Domingo del Monte, crítico literário e fundador da Academia Cubana de Literatura. Del Monte e os demais ideólogos abolicionistas da época acreditavam que para solucionar o problema da escravidão era de suma importância que argumentos a favor do antiescravismo viessem também das vítimas. Dessa forma, a criação de tertúlias para discussões sobre a temática emerge de maneira a promover a cultura *criolla* de raiz africana altamente influenciada pelos ideais abolicionistas da Inglaterra e dos Estados Unidos. É nesse contexto que o escravizado Juan Francisco Manzano, conhecido pelas declamações de poemas em reuniões e saraus poéticos, é convidado a escrever a sua história. De acordo com Castro (2015), o convite não surgiu apenas pela admiração que os participantes sentiam por sua oratória; devemos recordar que, no início do século XIX, ocorreria, no Haiti, a primeira revolução de independência nas colônias americanas, um risco ainda vivo e real à época da escrita da *Autobiografía*. A encomenda do texto, portanto, se inseriu no projeto de desviar o olhar do temido “perigo negro” e mostrar aos interessados no tema um escravizado submisso, religioso e obediente que seguia os códigos brancos.

Somente no ano de 2015 o leitor brasileiro pôde contar com a tradução da obra *Autobiografía de Juan Francisco Manzano*, escrita em Cuba por volta do ano de 1835 por Manzano e que se tornaria o texto precursor do gênero autobiografia na América Latina. Texto que circula, primeiramente e por muito tempo, somente em versão traduzida: patrocinado pelo abolicionista Richard Madden, foi publicado pela primeira vez no ano de 1940, na cidade de Londres, em tradução para a língua inglesa sob o título de *Life of the negro poet*, texto que

retornaria a Cuba um século depois, publicado em língua espanhola na ilha apenas em 1937³. Nesse entretempo, Manzano obteve sua liberdade em 1836, publicou uma peça de teatro, *Zafira*, em 1842, e continuou escrevendo poemas até 1843. Em 1844 foi preso durante a repressão da *Conspiración de la Escalera* mas, com o fuzilamento de outros poetas negros acusados de conspiradores, como Plácido, Manzano passou seus últimos anos sem escrever. Para Castro (2015), “a repressão não matou o homem mas calou o poeta” (p.145), visto que Manzano percebeu que o destaque literário poderia ser um perigo para os afrodescendentes naqueles tempos.

O livro divide-se em três partes: na primeira, com prefácio de Ricardo Salles (professor de História da UNIRIO, especialista em século XIX) e apresentação de Alex Castro, o leitor brasileiro tem a oportunidade de compreender o contexto da publicação do relato. A segunda parte da obra apresenta os dois trabalhos de transposição da *Autobiografía* à língua portuguesa realizados por Castro: uma tradução e uma transcrição. O texto traduzido tem como objetivo alcançar estudantes do ensino médio e o público em geral na medida em que apresenta o texto quebrado em parágrafos, atualiza a pontuação e ortografia, simplifica as construções truncadas e substitui os vocábulos fora de uso. A intenção foi aproximar o texto ao leitor contemporâneo e, de certa forma, conseguir publicá-lo por uma grande editora para que tenha circulação nacional. Para tanto, a adaptação à norma culta da língua portuguesa tornou-se inevitável.

Surpreendentemente, chama a atenção a transcrição realizada por Castro. Com auxílio do músico e tradutor Pablo Zumarán, Castro cria a voz de um Manzano lusófono fictício, dando fidelidade à voz do escravizado, à sua sintaxe, à sua escolha de palavras, ao ritmo das frases e à peculiar pontuação, mantendo os desvios à norma culta em português na mesma proporção do espanhol escrito por ele em 1835. Vale lembrar que Castro buscou, como original, o texto mais autêntico que se conhece, o manuscrito que se encontra na Biblioteca Nacional José Martí, autógrafa, com a caligrafia de Manzano, que apresenta uma tentativa de utilização da norma culta, com ortografia e sintaxe idiossincráticas e pontuação inexistente. Verifica-se, portanto, o árduo trabalho de Alex Castro em recriar essa construção linguística para a língua portuguesa e também o quanto se sente mais à vontade nesta parte já que, para ele, corrigir os erros ortográficos, gramaticais e sintáticos de Manzano significou “apagar sua trajetória, silenciar seu

³ Referência à publicação do texto na íntegra. Trechos da autobiografia foram publicados em 1878 na antologia *Poetas de Cor*, organizada por Francisco Calcagno. Atualmente, há dois manuscritos na Biblioteca Nacional José Martí, em Cuba: uma versão autógrafa de Manzano (utilizada por Castro para a tradução) e uma versão corrigida por Anselmo Suárez y Romero, de 1839. Há, também, uma cópia da versão corrigida na Biblioteca de Yale, EUA.

sofrimento e rasurar sua vida” (p.18). Na terceira parte da obra, Castro nos brinda com iconografias, sugestões de leitura para os brasileiros que se interessam pelo tema, bibliografia extensa de pesquisa, os estudos para a criação da voz lusófona do Manzano fictício, além do epílogo “Réquiem para Manzano”, do historiador cubano Urbano Martínez Carmenata citado na *Autobiografía*.

As citações retiradas do texto autobiográfico de Manzano utilizadas neste artigo seguirão a norma da transcrição proposta por Alex Castro. Dessa forma, esperamos manter o respeito e a admiração do tradutor pelo escravizado que tentaram calar por tantas vezes e cuja voz permanece ecoando até os dias de hoje, lembrando a todos nós as atrocidades praticadas pelos senhores de escravizados e a convivência da sociedade com o tipo de tratamento dado a eles.

Memórias afro-cubanas de uma sociedade escravocrata

A relevância da circulação do texto de Manzano se dá pelo fato de que os testemunhos escritos por escravizados eram muito raros à época da escravidão; segundo Castro (2015), ao contrário dos Estados Unidos, as Américas hispânica e portuguesa não cultivaram a tradição abolicionista de incentivo à escrita e publicação de pessoas recentemente saídas da condição de escravizadas. Se nos EUA contamos com 101 memórias de escravizados publicadas até o ano de 1865 como, por exemplo, a narrativa *Doze anos de escravidão*, de Solomon Northup, adaptada para o cinema e ganhadora do Oscar de melhor filme em 2014, na América Latina os dois únicos relatos históricos narrados em primeira pessoa que repercutiram fora de Cuba são a *Autobiografía e Biografía de un cimarrón* (1963) narrado pelo escravizado Esteban Montejo e redigido pelo escritor Miguel Barnet, em tradução brasileira *Memórias de um cimarron*⁴ (1986) por Beatriz A. Cannabrava. Ambos os textos, em diferentes níveis, são controlados, manipulados ou restringidos por parte de segundos autores: Barnet transformou a entrevista realizada com Montejo, já centenário e livre, em narrativa biográfica; já Manzano certamente teve seu texto recortado e reescrito pois o escreveu enquanto escravizado, sendo que o filho de sua proprietária era um dos incentivadores e patrocinadores do texto, assim como de sua libertação.

No entanto, em se tratando do gênero testemunho, um dos livros cubanos mais traduzidos é a biografia escrita por Barnet. De acordo com Castro (2015), a história de Montejo correu o

⁴ Em texto de apresentação à tradução, a tradutora explica que decidiu manter a palavra *cimarron* (sem acento) por trata-se de um termo específico.

mundo e acabou se tornando a referência ao falar-se sobre a escravidão em Cuba, visto que os revolucionários de 1959 o escolhem por seu espírito inquieto e insatisfeito com a situação, ao contrário de Manzano, considerado demasiado manso e conservador. Ainda segundo o tradutor, a *Autobiografía* é muito mais lida e discutida fora da ilha e, nas livrarias cubanas, encontram-se vários exemplares das *Memórias* e nenhum da *Autobiografía*, esta com última edição de 1972. Em fevereiro de 2016, Castro lançou uma edição comentada da *Autobiografía* em Cuba pela editora Matanzas, o que comprova que foi necessário o interesse de um escritor não cubano em reativar a impressionante história de Juan Francisco Manzano.

A existência do texto de Manzano é insólita para a época já que a maioria dos escravizados era analfabeta, com qualquer acesso ao ensino vedado pelos proprietários. No entanto, Manzano se apropria do proibido, ensinando-se a si mesmo como ler e escrever, escondido, copiando e transcrevendo poemas que haviam sido escritos por outros poetas. Embora seu texto sirva como um testemunho dos horrores que sofreu como escravizado, foi seu reconhecido talento poético que provocou o respaldo que recebeu do abolicionista Domingo del Monte, que o converteu em seu protegido literário, conseguindo sua liberdade em 1836. E é justamente por este motivo, por ter um padrinho dentro do mais respeitado círculo literário de Cuba, adjunto ao fato de que homens da elite cubana participavam de tais reuniões literárias, que é possível notar uma clara moderação em seus relatos, principalmente quando se refere à sua ama, a Marquesa del Prado Ameno, já que ele escrevia a autobiografia em troca de dinheiro para comprar sua liberdade.

Quem se disponibiliza a traduzir um texto como a autobiografia de Manzano certamente precisa compreender muito mais que a transposição das línguas espanhol/português nos contextos dos séculos XIX e XX: é preciso detectar as nuances dos silêncios do escravizado de forma a manter o ritmo que ele desenvolveu no texto de partida para que se possa compreendê-lo na contemporaneidade. Retomando a noção de texto traduzido como um palimpsesto, Arroyo (1996) afirma que o significado original não é fixo ou estável e depende do contexto em que originalmente ocorre: o texto se apaga, “em cada comunidade cultural e em cada época, para dar lugar a outra escritura (ou interpretação, ou leitura, ou tradução) do ‘mesmo’ texto” (p.23-24). A pesquisadora defende a inevitabilidade da interpretação e do viés inscritos em toda a tradução reafirmando o protagonismo do tradutor, que reivindica seu espaço fugindo da *inferioridade incômoda* e da *transparência impossível*. Através da conscientização de uma responsabilidade autoral por parte do tradutor, este se torna componente essencial e participante ativo na criação de significados. No caso de Castro, tradutor e escritor politicamente engajado,

ele assume sua interferência e tem consciência de que a tradução “faz alguma coisa” (ARROYO, 1996), deixando claro quais são suas posições políticas e ideológicas, características essenciais para interpretar e traduzir um texto como a autobiografia de Manzano.

A tradução intercultural e seus aportes às teorias pós-coloniais

Pode-se afirmar que, de certa forma, a *Autobiografía* de Manzano e as *Memórias* de Montejo, apesar da distância temporal entre as duas publicações, equivalem a textos pós-coloniais que abrem espaço para a palavra dos marginalizados. Conforme Hall (2003),

(...) o termo “pós-colonial” não se restringe a descrever uma determinada sociedade ou época. Ele relê a “colonização” como parte de um processo global essencialmente transnacional e transcultural – e produz uma reescrita descentrada, diaspórica ou “global” das grandes narrativas do passado, centradas na nação. (p.109)

De acordo com Hall (2003), as diferenças entre a cultura colonizadora e colonizada permanecem profundas, mas estas nunca operam de forma absolutamente binária; o autor descreve essa relação como um movimento que parte de uma concepção de diferença para *différance*, tomando de empréstimo o termo cunhado por Jacques Derrida (1972), o que nos obriga a reler “os binarismos como formas de transculturação, de tradução cultural, destinadas a perturbar para sempre os binarismos culturais do tipo aqui/lá” (p.109). A *différance* impede que qualquer sistema se estabilize em uma totalidade inteiramente suturada; as estratégias surgem nos vazios e aporias que constituem espaços potenciais de resistência, intervenção e tradução. O sujeito pós-colonial, portanto, é o produto das novas diásporas criado pela migração, e precisa aprender a conviver com, no mínimo, duas identidades, a falar duas línguas culturais, a traduzir e a negociar entre elas, tornando-se, dessa forma, um tradutor cultural. No caso específico da tradução, concordamos com Arroyo (1996) ao afirmar que pensar a *différance* “(...) tem permitido o abandono de perspectivas científicas e do desejo impossível de sistematizar e tornar asséptica a tarefa de traduzir” (p.62), com destaque para o papel do tradutor, peça chave na recepção de uma obra literária no TC.

Bassnett (1999), pesquisadora das relações entre literatura pós-colonial e tradução intercultural, afirma que a tradução não acontece no vácuo e sim em um contínuo, não sendo um ato isolado, mas parte de um processo de transferência intercultural. O tradutor passa então a ser um sujeito que participa de maneira efetiva na transformação e produção de significados,

promovendo uma espécie de dupla tradução. Desse modo, podemos considerar a língua materna e a língua estrangeira como complementares, e não antagônicas, já que os focos da tradução intercultural e das literaturas pós-coloniais estão muito próximos pois se ocupam, além da transcodificação linguística, da transmissão de elementos culturais. No caso da obra analisada, citamos a nota 44 à página 151. No texto autobiográfico, Manzano utiliza adjetivos com teor exagerado para referir-se à sua senhora: “mas aquella bondadózíssima senhora fonte inesgotavel de graças (44) tornou á renovar hum documento offerecendo-le a liberdade do outro ventre nacece o q^o. nacece” (p.94-95), e, na nota explicativa, Castro aproxima os países Brasil e Cuba e as suas narrativas da escravidão: Nota 44: “Ainda cativo e escrevendo para um público de literatos brancos escravistas, o quase-brasileiro Manzano demonstra sempre não apenas ‘saber seu lugar’ como também ‘saber com quem está falando’ (p.151).

Para o intelectual Boaventura de Sousa Santos (2009), a tradução cultural tem como tarefa recuperar as experiências cognitivas perdidas pelo epistemicídio massivo das nações do Norte que vigiam as fronteiras dos saberes. Arroyo (1996) chama a atenção para a proximidade da tradução e da colonização: características ainda defendidas por estudiosos da tradução que se apoiam em uma ética dominante se referem à transparência e ao respeito incondicional ao “original” (poderoso, sagrado), traços também encontrados na colonização como supremacia/superioridade do colonizador como pretexto para sobrepujar a cultura e a identidade do colonizado. Nesse caso, há o apagamento da diferença e o destaque para as relações assimétricas com o Outro. O tradutor, portanto, deve estar consciente da relevância do texto que está traduzindo:

Embebidas em diferentes culturas ocidentais e não-ocidentais, estas experiências não só usam linguagens diferentes, mas também distintas categorias, diferentes universos simbólicos e aspirações a uma vida melhor. (SANTOS, 2009, p.52)

Para Santos (2009), a tradução deve operar em dois níveis, o linguístico e o cultural. Através da tradução intercultural, chega a ser possível identificar preocupações comuns, enfoques complementares e, também, contradições inultrapassáveis; por esse motivo, a tradução cultural será uma tarefa desafiadora a filósofos, cientistas sociais, tradutores e pesquisadores do século XXI. Por exemplo, nas literaturas conhecidas como de minorias, o aspecto intercultural da tradução não somente é necessário como indispensável pois esses textos estão carregados de fatores políticos, culturais e ideológicos e têm um forte papel social em suas comunidades. Se no TP há o reconhecimento da diversidade de experiências, saberes e

práticas existentes dos povos em questão, a interpretação e a tradução por meio de olhares desconstruídos, que conheçam e que respeitem as culturas alvo e fonte, certamente resultará em um produto mais conveniente e adequado à proposta do TP.

Gayatri Spivak (1990) define a tradução como transmissão de textos literários e culturais através de uma forma - outra - de imaginarmos culturas de maneira mais compreensiva e mais responsável como estímulo para um (re)pensar de nós mesmos pelo olhar dos povos emergentes. Asseverando as afirmações de Hall, Bassnet e Santos, para a intelectual indiana, os desafios do tradutor não se resumem às dificuldades específicas relativas à transposição dos idiomas, e sim se ampliam na transmissão das marcas culturais peculiares de determinadas regiões à cultura de chegada, além da complexidade de enredos e personagens e, também, o forte papel social deste tipo de literatura. É nessa linha que a tradução da *Autobiografía* realizada por Alex Castro está posicionada. Além da importância da reativação da narrativa, Castro, como tradutor e organizador das notas que acompanham o texto transcrito, pretende contestar algumas impressões deixadas por Manzano em seu texto em uma leitura menos atenta. Por exemplo, as características de “manso e conservador” que Manzano poderia ter apresentado ao descrever sua vida e comentar sobre suas impressões de homem negro escravizado é refutada pelo pesquisador quando questiona sobre a real permissão para falar que lhe fora concedida:

Para Manzano, então ainda escravizado, a redação de sua autobiografia foi um empreendimento temerário, repleto de dificuldades práticas e políticas. O quanto falar? O quanto silenciar? O quanto aqueles homens brancos e ricos, aparentemente tão tolerantes, eram capazes de ouvir e aceitar? Sua autobiografia é um texto de lacunas gritantes, elipses conspícuas, entrelinhas prolixas. É necessária uma leitura cuidadosa para decifrar seus silêncios. (CASTRO, 2015, p.16)

Castro afirma que a *Autobiografía* não é prosa espontânea já que houve reflexão, escolha de episódios e construção narrativa, pois continuamente Manzano menciona episódios que decide não contar: “(...) estive a pique de perder a vida em mãos do sitado Silbestre mas pasemos em silencio o resto d’esta sena dolorosa pasado este tempo com otra multidaõ de soffrimentos semeliantes (...)” (p.107). Castro expõe em nota: “Em Manzano, todo clímax é seguido de um silêncio ainda mais estrondoso, um silêncio intencional que simultaneamente revela e ofusca” (p.162). Além dos silêncios, o tradutor também analisa as rasuras do manuscrito: “No manuscrito, depois de ‘mas’, Manzano escreveu ‘a última’, rasurou e substituiu por ‘a vez p^a. mim mais memorável q^e. todas’. Quantas cenas terríveis de tortura e

castigo Manzano não deveria estar equilibrando em sua memória para fazer esse tipo de autocorreção?” Também chamam a atenção os interstícios temporais escolhidos por ele: “Desde meus doze anos dou um salto até a de quatorze deixando em seu inter médio algumas passagens em q^e. se virifica como minha fortuna era instavel” (p.97). Os “privilégios” de Manzano também são evidenciados. Um exemplo destacado por Castro é a oportunidade de o escravizado ter conhecido sua família e ter convivido com ela, exposto em opinião pessoal nas notas explicativas:

Manzano, mais uma vez, demonstra ser uma pessoa escravizada privilegiadíssima. O que, naturalmente, só aumenta o *nosso* próprio terror ao ler seu relato: se a vida das pessoas escravizadas privilegiadas era *assim*, como seria a vida das outras cuja voz nunca chegou até nossos ouvidos? (CASTRO, 2015, p.182)

A construção de um Manzano poeta é destacada pelo tradutor. Ao comentar sobre o receio do escravizado de recitar seus versos – “(...) pois ninguém sabia explicar o genero dos meus versos nem eu nunca me atrevi a resitar hum embora duas vezes me custou huma boa surra (...)” (p.101) – Castro afirma que um dos motivos para seus castigos físicos era justamente a subversão de suas décimas: seu tom inovador, sua capacidade de dar prazer às pessoas da casa (inclusive às escravizadas) e seu talento, borbulhante e incontrolável, inaceitável para um moleque na sua condição de escravizado. Manzano, por sua vez, sabia dos riscos que corria ao declamar suas poesias para os senhores da casa grande, mesmo quando solicitado por eles. Castro observa que Manzano percebe a poesia como se fosse uma doença manifestando-se em seu corpo e, ao enfatizar na *Autobiografia* os momentos em que é reconhecido como poeta e artista, acaba por subverter as expectativas do grupo literário de del Monte, que estimulava o relato do escravizado com foco nas atrocidades da sociedade escravocrata, especialmente nos castigos físicos. Por este motivo, na tradução em língua inglesa realizada por Madden, tais trechos foram suprimidos ou significativamente diminuídos, pois, na visão dos abolicionistas, não serviam a seus fins ideológicos.

É importante lembrar que a obra *A autobiografia do poeta-escravo Juan Francisco Manzano* é mais que uma tradução: Castro realizou um trabalho minucioso de pesquisa do contexto de sua publicação e deu espaço para as interpretações necessárias tanto sobre a sociedade da época quanto sobre suas decisões tradutórias nas notas explicativas, com estudos, posicionamentos ideológicos e discussões, espaço este que um tradutor/transcodificador não costuma ter a não ser através de notas de rodapé que nem sempre são aceitas pelas editoras por

questões ideológicas e econômicas⁵. Também deve-se observar o quão desafiador é, na proposta de Castro, expor-se como tradutor, pesquisador e formador de opiniões em uma luta clara contra as reações extremistas que vêm acontecendo em várias partes do mundo, fazendo, inclusive, uma dura crítica a atitudes de intolerância e violência:

Ao ler a autobiografia e visualizar as suas piores cenas, às vezes é fácil perder de vista que a pessoa sofrendo tantos castigos é um franzino pré-adolescente. Uma criança. Dessas que hoje as ditas ‘pessoas de bem’ chamam de pivete, cruzam a rua para evitar e até amarram em postes (CASTRO, 2015, p.165).

A seguir, apresentaremos duas tabelas com alguns exemplos de decisões tradutórias realizadas por Castro que unem a tradução linguística e a cultural, e de como a etapa de transcriar para a linguagem do século XIX revela ao leitor contemporâneo o processo tradutório envolvido na recriação do texto da *Autobiografía*.

Os processos tradutórios na *Autobiografía do poeta-escravo Juan Francisco Manzano*

O posicionamento do tradutor já é possível de ser analisado na tradução do título da obra. Sem um título fixo no TP, originalmente citado como *Autobiografía*, *Autobiografía de un esclavo*, *Autobiografía de Juan Francisco Manzano*, Castro optou por manter o que ele considera palavras-chave na composição da obra: autobiografía, poeta e escravo, palavras que normalmente não seriam encontradas juntas em uma mesma sentença. De acordo com Salles (2015),

As palavras autobiografía, poeta e escravo, todas muito frequentes no século XIX, raramente, se não nunca, conjugaram-se em um mesmo vocabulário ficcional, poético, historiográfico e político. Essa foi a proeza que Manzano e sua escrita estiveram tão perto, e tão longe, de atingir. Tivesse vivido na sociedade norte-americana, atravessada pelo mais poderoso regime escravista moderno, mas também por um intenso e combativo movimento abolicionista, ele teria alcançado a notoriedade e o status do líder abolicionista negro Frederick Douglass, ex-escravo, evadido de uma *plantation* no Sul, autor de um dos ícones das *slave narratives*. Se não política, a notoriedade de Manzano teria sido certamente literária. Mas a história não foi assim. (p.10-11)

Conforme afirmado anteriormente pelos teóricos dos Estudos Culturais, os focos da tradução intercultural e das literaturas pós-coloniais estão muito próximos pois se ocupam, além

⁵ O professor e pesquisador da USP John Milton publicou texto discutindo o fator econômico na circulação de textos traduzidos: *A importância de fatores econômicos na publicação de traduções: um exemplo do Brasil*, em 2010, disponível em <<file:///C:/Users/user/Downloads/40284-47600-1-PB.pdf>> Acesso em 28.fev.2017

da transcodificação linguística, da transmissão de elementos culturais. Na tradução da *Autobiografia*, é possível perceber o processo tradutório segundo tabela comparativa abaixo (grifo nosso):

Tabela 1: Tradução linguística com nota explicativa cultural e nota interpretativa

Texto transcrito do TP
(...) la misma señora D: ^a Joaquina q. ^e me trataba como a un niño ella me bestia peinaba y cuidaba de q. ^e no me rosase con los otros negritos (66) de la misma mesa como en tiempo de señora la Marquesa Justis se me daba mi plato q. ^e comia a los pies de mi señora la Marquesa de Pr. A. (67) toda esta epoca la pasaba yo lejos de mis padres. (p.83) Nota 66: "señor" "doña" "niño" - expresiones exclusivas para personas blancas. Nota 67: No es una figura del lenguaje: es muy probable que comiera, literalmente, a los pies de la marquesa de Prado Ameno.
Texto transcrito
(...) a mesma sinhá Dna. Joaquina q. ^e me tratava como menino ela me vestia penteava e cuidava q. ^e eu não me rosace com os outros negrinhos (60) da mesma meza tal como no tempo da senhora Marquesa Justis me davaõ meu prato q.^ecomia ao pé de minha sinhá a Marquesa de Pr. A. (61) toda esta época pasei longe de meus pais. (p.97) Nota 60: “senhor” “dona” “menino” – expressões exclusivas para pessoas brancas. Nota 61: Não é uma figura de linguagem: o menino Juan devia mesmo comer literalmente aos pés da marquesa de Prado Ameno.
Texto traduzido/adaptado
(...) a mesma sinhá Dona Joaquina, que me tratava como um sinhozinho : ela me vestia, me penteava e cuidava para que eu não me roçasse com os outros negrinhos. Da mesma mesa, tal como no tempo da Senhora Marquesa Jústiz, me davam meu prato, que comia ao pé de minha sinhá , a Marquesa de Prado Ameno. Toda essa época passei longe de meus pais.

Fonte: A autora (2017)

No trecho citado à Tabela 1, é possível identificar dois pontos importantes na tradução: o primeiro trata da explicação linguística da palavra *niño*, segundo a RAE, “que está en la niñez”, “que tiene pocos años”, “que tiene poca experiencia”, todos contextos semânticos relacionados à infância e à ingenuidade dos indivíduos. Foi necessário, por parte de Castro, adequar a palavra ao contexto da escravidão do século XIX: naquela época, os escravizados africanos não eram considerados cidadãos, nem seres racionais, portanto, não poderiam ser apenas *crianças* ou *meninos*. No texto transcrito, Castro optou por utilizar a palavra *menino* porque tinha o auxílio da nota explicativa cultural para explicar que ser considerado um menino equivalia a ser considerado *alguém, uma pessoa, um ser humano*. Já na tradução adaptada, ele simplifica a

questão e opta pelo termo *sinhozinho*, pois neste caso não havia o benefício das notas e precisava decidir por uma palavra que desse conta de contextualizar o vocabulário da escravidão ao sentido que ele desejava demonstrar ao leitor: “As palavras são ‘multimoduladas’. Elas sempre carregam ecos de outros significados que elas colocam em movimento, apesar de nossos melhores esforços para cerrar o significado” (HALL, 2003a, p.41). Acreditamos que foi uma boa opção do tradutor, porém ler o texto transcrito e as notas nos revela muito mais sobre a perspectiva da sociedade escravocrata e faz com que a decodificação se aproxime do texto de Manzano.

O segundo ponto trata das observações de Manzano que, primeiro, elogia sua sinhá argumentando que ela era muito cuidadosa com o menino, porém, em uma mesma frase sem pontuação (próprio do texto), como se não quisesse deixar escapar o que realmente acontecia no momento das refeições, ele era tratado como um cachorro, com a comida jogada aos seus pés, e logo comenta sobre a saudade que sentia de seus pais e sobre a tristeza de viver longe de sua família. Segundo Castro (2015, p.147), “O episódio é característico da prosa de Manzano: depois de tecer mil elogios à pretensa bondade de uma pessoa branca, ele sorrateiramente sugere que as coisas não eram bem assim”.

Tabela 2: Literatura/voz poética

Texto transcrito do TP
(...) pero como la melancolia estaba en sentrada en mi alma y abia tomado en mi fisico una parte de mi existencia yo me complasia bajo la guasima (93) cuyas raises formaba una especie de pedestal al q: pescaba en componer algunos versos de memoria y todos eran siempre tristes los cuales no escrivia por ignorar este ramo p: esto siempre tenia un cuaderno de versos en la memoria y a cualquier cosa improvisaba (...) (p.86-87) <i>Nota 93:</i> Árbol silvestre, a menudo asociado a los ahorcamientos de cimarrones. (Ver el glosario de <i>Biografía de un cimarrón</i> , de Miguel Barnet).
Texto transcrito
(...) mas como a melancholia estava ja instalada em minh'alma e avia tomado em meu phyzico huma parte de minha ezistencia eu me alegrava em baixo de uma guaxiúma (87) cuyas rahizes formava huma especie de pedestal onde eu pescava compondo alguns versos de memoria e todos eraõ sempre tristes os coaes eu não escrevia por ignorar esse ramo p: isto sempre trazia hum caderno de versos de memoria e por coalquer couza improvisava (...) (p.101) <i>Nota 87:</i> Árvore silvestre de Cuba, frequentemente associada aos enforcamentos de pessoas escravizadas fugidas. Ver o glossário de <i>Memórias de um Cimarrón – Testemunho</i> , de Miguel Barnet, publicada no Brasil pela editora Marco Zero em 1986,

a única outra narrativa de uma pessoa escravizada cubana, da qual se falará mais adiante.

Texto traduzido/adaptado

Mas, como a melancolia já estava instalada em minha alma e havia tomado em meu físico uma parte de minha existência , eu me sentava embaixo de uma guaxiúma , cujas raízes formavam uma espécie de pedestal, e me alegrava compondo alguns versos de memória, todos eram sempre tristes , que eu não escrevia por ignorar esse ramo. Por isso, sempre trazia um caderno de versos na memória e, por qualquer coisa, improvisava . (p.41-42)

Fonte: A autora (2017)

A linguagem poética aparece em partes do texto como uma expressão triste e melancólica de Manzano que se vê um desafortunado por ter o dom poético mas não poder expressá-lo da forma como gostaria. É possível que, no texto escrito pelo escravizado, houvesse outras partes relacionadas às formas literárias utilizadas por ele, mas que foram suprimidas pelos tradutores à língua inglesa por não interessar ao público-alvo, que ansiava pelas narrativas de violência. Percebe-se, novamente, uma adequação da nota explicativa direcionada ao leitor brasileiro, buscando uma aproximação entre as histórias de escravidão ocorridas nos dois países. É ponto interessante que ele ficasse embaixo de uma guaxiúma, descrita em nota como uma árvore associada aos enforcamentos dos escravizados *cimarrones*, que se transforma em um espaço de ressignificação para o escravizado que elaborava versos de memória por medo de escrevê-los e ser castigado por isso, conforme havia acontecido diversas vezes (e viria a acontecer). Castro observa que

(...) para Manzano, escrever era um ato criador de liberdade, mas também de subjugação às vontades e objetivos políticos dos literatos brancos: de reivindicação de sua subjetividade de ser humano e de poeta, mas também de contínua e reiterada humilhação. (CASTRO, 2015, p.154)

O texto traduzido – direcionado a um público mais amplo, precisou de maiores adaptações à linguagem contemporânea, o que se justifica pelo TP haver sido escrito no século XIX e serem necessárias mudanças gramaticais e lexicais significativas. A linguagem tornou-se simplificada, porém os significados do TP não se perdem por completo visto que a obra também apresenta a transcrição e as notas explicativas. Certamente o processo de transcrição foi trabalhoso, demandou mais pesquisas, no entanto, qualificou o trabalho de tradução, deixando possível ao leitor acompanhar o passo a passo do processo tradutório. Já as notas emitem referências, posicionamentos ideológicos, pesquisas, atingindo um leitor mais exigente que se interessa pelo

tema da escravidão e aceita a obra autobiográfica escrita por um escravizado. Castro, ao relacionar as histórias da escravidão com nossa realidade brasileira, configura a tradução da *Autobiografía* como um importante material de literatura e cultura afrodescendente no Brasil ao aproximar os idiomas espanhol e português em contextos de escravização.

Considerações finais

Retomando a pergunta inicial de Spivak (2010) ao questionar se, realmente, o subalterno está em uma posição na qual pode falar e pode ser ouvido, salientamos que a voz de Manzano, embora hoje considerada relevante por se tratar de um documento único na história da literatura latino-americana, foi tolhida pelos próprios incentivadores da sua escrita. Para Castro, os componentes do grupo delmontino talvez até pudessem desejar a abolição da escravidão, porém, sua própria concepção de mundo e a posição que ocupavam na sociedade cubana não concebiam a possibilidade de existência de um intelectual negro: “nunca houve espaço para Manzano falar, escrever ou mesmo existir, seja como intelectual ou artista” (CASTRO, 2015, p.146).

E podemos ouvir o subalterno? Devemos, no mínimo, exercitar nossa capacidade de compreensão e interpretação dos sujeitos silenciados e, no caso da *Autobiografía*, o tradutor é a peça chave na articulação dos discursos transpostos. Neste ponto, é necessário destacar a pesquisa minuciosa de Castro em suas 342 notas que, além de esclarecer o contexto da publicação e trazer informações diversas ao leitor, ressaltam também os silêncios de Manzano, gritantes em alguns momentos do relato. Castro explica: “Em se tratando de textos antigos, especialmente escritos por pessoas em posição subalterna, só o que temos são conjecturas. Com base nelas, fazemos o melhor trabalho possível” (p.25). Nas notas, posicionadas ao final do texto transcrito, Castro se solta: questiona, induz, sugere, afirma, duvida, levando o leitor a participar do jogo dialógico de Manzano. No texto introdutório, Castro orienta que a leitura do texto transcrito seja realizada em voz alta, permitindo que o leitor se desprenda das normas de escritura (estruturas sintáticas, gramática, pontuação, etc.), possibilitando que o texto fale em seus próprios termos e que possamos nos aproximar da voz silenciada de Manzano:

Toda linguagem, mesmo quando opressora, é sempre dialógica: se lermos com cuidado, as brechas cavadas pela fala e pela prática das pessoas oprimidas nos permitem ouvir até mesmo quem não tem voz. Nesse sentido, o esforço da oralidade que estou propondo é bem mais que um exercício de autenticidade: É um exercício de alteridade. (CASTRO, 2015, p. 23)

É possível afirmar, portanto, que a tradução de Castro foi bastante respeitosa com a voz de Manzano, abrindo espaços para que o escravizado pudesse relatar os acontecimentos ocorridos em sua vida, especialmente no texto transcrito, com o auxílio das notas explicativas. Obviamente, muitas informações se perderam durante os anos subsequentes à escrita da *Autobiografia*, já que pouco se oficializou com relação às histórias da escravidão e, o que se tornou oficial, foi escrito por homens brancos que ocupavam posições de autoridade nas sociedades coloniais e que adaptaram os acontecimentos aos seus pontos de vista. As notas explicativas deixam claro qual a posição ideológica de Castro, que pode ser conferida na leitura dos demais textos do escritor. Muitos leitores poderão se sentir incomodados com a presença gritante do tradutor, no entanto, consideramos que, no caso de traduzir um texto produzido às margens do sistema, a tomada de posição é inevitável. Arroyo (1996) chama esse processo de perda da inocência nos estudos da tradução, quando ocorre o reconhecimento por parte do tradutor de que não há uma ética dissociada dos interesses a que inevitavelmente serve. Se o tradutor não interfere, não toma partido e mantém o texto asséptico, configura-se também uma tomada de posição. Com relação aos tradutores,

Quanto mais conscientes estiverem dessa realidade e do papel que exercem sobre e a partir dela, menos hipócrita e menos ingênua será a intervenção linguística, política, cultural e social que inescapavelmente exercem. (ARROYO, 1996, p.64)

Há uma diversidade de aspectos sociais, linguísticos e culturais a serem analisados na tradução da *Autobiografia*, texto indispensável no (re)contar das histórias da escravidão na América Latina.

Referências

ARROYO, R. **Oficina de tradução: a teoria na prática**. 5.ed. São Paulo: Ática, 2007.

_____. Os estudos da tradução na pós-modernidade, o reconhecimento da diferença e a perda da inocência. In: **Cadernos de Tradução**, v.1, n.1, Florianópolis, 1996. Disponível em <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/5064/4567>> Acesso em 28.fev.2017

BASSNET, S. **Post-colonial translation: theory and practice**. Brighton: Routledge, 1999.

CAMPUZANO, B.S. Revelaciones y silencios: Autobiografía de un esclavo, de Juan Francisco Manzano y Biografía de un cimarrón, de Miguel Barnet. In: **Mitologías hoy**. Universitat

Autònoma de Barcelona. V.12, 2015. Disponível em <<http://revistes.uab.cat/mitologies/article/view/v12-campuzano>> Acesso em 25.fev.2017

GIRON, L.A.; FINCO, N. A escravidão como ela foi. In: **Revista Época**. 21.02.2014. Disponível em <<http://epoca.globo.com/vida/noticia/2014/02/b-escravaoob-como-ela-foi.html>> Acesso em 25.fev.2017

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2003a.

_____. **Da diáspora**. Identidades e Mediações Culturais. Organização de Liv Sovik. Tradução de Adelaine La Guardia Resende et al. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

SANTOS, B.S.; MENESES, M.P. (orgs.) **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Edições Almedina S/A, 2009.

SPIVAK, G.C. **Pode o subalterno falar?** Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa e André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

_____. The Post-Colonial Critique. In: HARASYM, Sara. (org.) **The Post-Colonial Critique, Interviews, Strategies, Dialogues**. Nova Iorque: Routledge, 1990.